

# THOMAS MÜNTZER: TEOLOGIA E VIOLÊNCIA NO ALVORECER DA REFORMA PROTESTANTE

*José Willem Carneiro Paiva*

Thomas Müntzer foi um sacerdote e teólogo nascido em Stolberg, nas montanhas do Harz, Alemanha Central, provavelmente no ano de 1489, e morto em maio de 1525 em Mühlhausen, na Saxônia. Tendo recebido o título de mestre em teologia em 1512, na universidade de Frankfurt an der Oder, e sido nomeado reitor do convento de Aschersleben em 1515, logo iniciou seus estudos sobre misticismo cristão, se tornando leitor assíduo de Mestre Eckhart (1260-1328) e Johann Tauler (1300-1361). Em 1517 estava em Wittenberg para atender as preleções do humanista Johannes Aesticampianus (1457-1520), quando, durante a mesma estadia, travou os primeiros contatos com M. Lutero (1483-1546) e Andreas Karlstadt (1486-1541), já conhecidos reformadores do leste do Sacro Império Romano. Müntzer já havia formulado os próprios questionamentos acerca da autoridade da Igreja antes do encontro com Lutero, mas o contato com o pastor de Wittenberg contribuiu sobremaneira para o estabelecimento de Müntzer como um pregador reformador. Daí em diante, seguiu seu próprio caminho pelas cidades da Saxônia Imperial, tomando a palavra nos púlpitos e pregando mudanças substanciais na forma de viver a fé e a vida em sociedade. Mas, e aqui um necessário questionamento, como e por que a face de Thomas Müntzer acabou por estampar a cédula de cinco marcos da antiga Alemanha Oriental no período da Guerra Fria?

O conteúdo da teologia mística de Thomas Müntzer e sua participação orgânica na Guerra dos Camponeses da Alemanha chamou a atenção de intelectuais dos séculos XIX e XX. Além de ter feito parte da narrativa de L. von Ranke (1795-1886) em sua clássica e magistral História da Reforma na Alemanha (1839), recebeu dedicada atenção de estudiosos socialistas e comunistas, como é o caso de Friedrich Engels (1820-1895) e Ernst Bloch (1885-1977). Com Engels, em seu ensaio As Guerras Camponesas na Alemanha (1850), escrito com o intuito de comparar os episódios de sublevação camponesa do século XVI com as lutas socialistas da Alemanha em 1848 e 1849, Müntzer é descrito ao mesmo tempo como a síntese teológica e a cabeça de um movimento de base. A Guerra dos Camponeses, conjunto de revoltas simultâneas que ocorreram no sul e no leste da Alemanha no início do século XVI, que demandavam o ganho de algumas pautas para a realidade material e religiosa das comunidades rurais do período, fora retratada por Engels como um movimento proto-revolucionário, decorrente das contradições históricas de um feudalismo moribundo. Os camponeses estiveram aliados com uma burguesia nascente buscando os primeiros resquícios de direitos modernos, e tudo isso sob a égide de um processo revolucionário. Nesse contexto, Müntzer representaria a emersão dessa estrutura cambiante numa superestrutura religiosa. Da parte de Ernst Bloch, filósofo hegeliano marxista alemão, em sua obra Thomas Müntzer: Teólogo da Revolução (1921), o pastor protestante seria uma figura síntese de uma utopia transformadora, que busca superar as condições estruturantes da realidade para além do horizonte de expectativa corrente. Essa retomada de Thomas Müntzer por nomes do vulto de Engels e Bloch já poderiam justificar o uso da imagem do pastor por Estados socialistas no decorrer do século XX, mas, cabe perguntar, a partir de que esses intelectuais tiraram suas conclusões?

Obras de síntese sobre a história da Guerra dos Camponeses, como as de Wilhelm Zimmermann (1807-1878) e do próprio L. von Ranke, foram fontes importantes para os autores socialistas dos séculos XIX e XX. No entanto, os próprios escritos de Müntzer poderiam justificar o seu entendimento como um teólogo revolucionário. É o que poderíamos ver quando, em setembro de 1524, Müntzer

---

PAIVA, José Willem Carneiro. Thomas Müntzer: Teologia E Violência No Alvorecer Da Reforma Protestante. *Discursos e Conflitos*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



consegue angariar o apoio do conselho e dos cidadãos da cidade de Mühlhausen. A cidade estava disposta a empreender os ideais reformadores do pastor e, nesta ocasião, prepararam um panfleto conhecido como Os Artigos de Mühlhausen (1524). O documento, do qual Müntzer participa da escrita, busca estabelecer uma nova forma de organização política e administrativa para a cidade e seus arredores, tudo de acordo com “a bíblia e a palavra viva de Deus”. Em seu artigo segundo se diz “Que a integridade e a justiça sejam exercidas de acordo com a bíblia ou o comando da divina palavra de Deus. Por que? Para assegurar que os pobres sejam tratados da mesma maneira que os ricos, como dito em Zacarias 17, Levítico 19 e 26, João 7, Mateus 5, Lucas 18”. Em outra ocasião, numa carta endereçada ao imperador Frederico, o Sábio (1463-1525), datada de 4 de outubro de 1523, Müntzer se queixa da atitude autoritária de senhores laicos com relação aos seus ensinamentos e aos súditos de suas jurisdições, e diz “Os príncipes não sustentam terror para os homens pios. Mas se isso mudar, então a espada lhes será tirada e será dada ao povo, que arde com zelo para que os ímpios possam ser derrotados”. Apesar de Müntzer tratar com o próprio imperador, o tom ameaçador salta. Trechos de escritos como os que acabamos de citar excitaram as mentes de estudiosos de grande envergadura, e a imagem de Thomas Müntzer retorna ao século XX em contornos bastante peculiares. Mas é possível entender a historicidade do pastor alemão de uma outra maneira?

Em seu artigo seminal *The Mystic with the Hammer: Thomas Müntzer's Theological Basis for Revolution* (1976), Hans-Jürgen Goertz delinea os princípios teológicos que formam a base do percurso sacerdotal e intelectual do pastor. Segundo Goertz, há para Müntzer dois tipos de fé: a verdadeira e a falsa. A verdadeira, vide sua filiação ao misticismo alemão, é aquela alcançada através de um percurso de sofrimento, onde o cristão abandona todos os desejos e perspectivas mundanos e deixa espaço em sua alma apenas para a entrada do espírito santo. O intuito da fé é ter contato direto com a “palavra viva de Deus”. Por outro lado, a falsa fé é aquela sustentada pelas tradições católicas e pelos sacerdotes protestantes ligados ao círculo de Lutero, ou seja, a fé católica baseada na tradição e a fé propagada por Lutero baseada na bíblia. Para Müntzer, as duas formas de fé estão socialmente localizadas: a verdadeira é sustentada por ele, o próprio Müntzer, e seus seguidores, a quem ele chama de “povo eleito”, e a falsa fé está com os senhores laicos, os príncipes, e com os senhores eclesiásticos, a hierarquia católica e os protestantes luteranos. Para Müntzer, haveria um engodo apocalíptico iminente, onde os detentores da falsa fé obstruem a construção da igreja de Deus na terra, ou seja, impedem, na verdade, que a fé mística, a única autêntica, alcance a maior quantidade de cristãos possível. Esse ato de obstrução é entendido pelo pastor como uma violência primeira, fundamental, que ataca diretamente a soberania divina. A isso, os “eleitos”, aqueles com a verdadeira fé, devem responder categoricamente, por qualquer meio necessário, inclusive por meio da força física. O ato de insurreição contra príncipes e sacerdotes se torna legítimo, porque responde a uma violência fundamental, e, dessa maneira, o próprio extermínio dos senhores deixa de ser uma violência. Müntzer acaba por propor uma inversão de valores, ou ainda, uma nova concepção ética para o contexto em que vive. Como é dito pelo próprio pastor em seu Sermão aos Príncipes (1524), dirigido aos senhores da Saxônia com vistas a ganhar o apoio destes contra a Igreja, “Não permita, portanto, que os malfeitores, que nos afastam de Deus, continuem vivendo, Deut. 13, pois um ímpio não tem o direito de viver se estiver impedindo os pios. Em Êxodo 22 Deus diz: 'Não deixarás o malfeitor viver.' São Paulo pensa o mesmo, quando diz que a espada que está nas mãos dos governantes é para vingar o mal e dar proteção aos bons, Romanos 13”.

Como conclusão, podemos questionar: como o pastor Thomas Müntzer deve ser visto? Como um revolucionário moderno avant la lettre ou como um sacerdote ávido pela purificação das formas de fé cristã? Há meios de entrelaçar as duas interpretações? Há outras interpretações paralelas, diversas ou refratárias possíveis? É a partir dos rastros empíricos e das batalhas historiográficas que o historiador ou historiadora busca sua posição, sua própria interpretação. Thomas Müntzer, estampado

---

PAIVA, José Willem Carneiro. Thomas Müntzer: Teologia E Violência No Alvorecer Da Reforma Protestante. *Discursos e Conflitos*. In: *Sacralidades Medievais* (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

<https://sacralidadesmedievais.com/>



na cédula de cinco marcos da Alemanha Oriental socialista ou categorizado nos textos acadêmicos de intelectuais das mais variadas correntes, se encontra no meio de um cabo de guerra, e se torna alvo de disputas que parecem não cessar.

### **Para saber mais**

LINDBERG, Carter. História da Reforma. 1ª ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MATHESON, Peter (ed.). The Collected Works of Thomas Müntzer. Edinburgh: T&T Clark, 1988.

SCOTT, Tom. Thomas Müntzer: Theology and Revolution in the German Reformation. New York: Palgrave Macmillan, 1989.

---

PAIVA, José Willem Carneiro. Thomas Müntzer: Teologia E Violência No Alvorecer Da Reforma Protestante. *Discursos e Conflitos*. In: Sacralidades Medievais (site). Disponível em: <https://sacralidadesmedievais.com/textos-semanais>.

---

<https://sacralidadesmedievais.com/>